



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – INGLÊS**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA DA PROTAGONISTA
DE *LUCY*, DE JAMAICA KINCAID.**

MACAPÁ

2021

SIMONE ALVENITA DE ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA DA PROTAGONISTA
DE *LUCY*, DE JAMAICA KINCAID.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês do Departamento de Letras/Artes/Teatro/Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (DEPLA/UNIFAP) como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras com habilitação em língua portuguesa e inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Pimenta Attie

MACAPÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

A447c Almeida, Simone Alvenita de.
A construção da identidade feminina da protagonista de Lucy, de Jamaica Kincaid / Simone Alvenita de Almeida. - 2021.
1 recurso eletrônico. 33 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português/ Inglês) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras Português / Inglês. Macapá, 2021.

Orientadora: Professora Doutora Juliana Pimenta Attie

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências.

1. Literatura caribenha. 2. Literatura - Romance. 3. Representação feminina. 4. Pós-colonialismo na literatura. 5. Jamaica Kincaid. I. Attie, Juliana Pimenta, orientadora. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey, 22 edição, 819

ALMEIDA, Simone Alvenita de. **A construção da identidade feminina da protagonista de Lucy, de Jamaica Kincaid.** Orientadora: Juliana Pimenta Attie. 2021. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português/ Inglês) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras Português / Inglês. Macapá, 2021.

SIMONE ALVENITA DE ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA DA PROTAGONISTA
DE *LUCY*, DE JAMAICA KINCAID.**

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Juliana Pimenta Attie
Departamento de Letras– UNIFAL-MG
ORIENTADORA

Professora Dra. Daniela Silva de Freitas
Departamento de Letras – UNIFAL-MG
AVALIADORA

Professora Dra. Natali Fabiana Costa e Silva
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
português – UNIFAP/Campus Santana
AVALIADORA

Macapá, 07 de dezembro de 2021

RESUMO

O romance *Lucy* apresenta a história da personagem que dá nome ao livro, uma menina de dezenove anos que se muda para um novo país, onde irá trabalhar de *au pair* na casa de uma família. A partir dessa mudança, Lucy se depara com uma série de questionamentos que a levará à busca por construir sua identidade. Assim, nos propomos investigar neste trabalho como ocorre a formação identitária da personagem. Sendo assim, é necessário analisar o contexto histórico, social e cultural em que ela está inserida. Para tanto, vamos abordar conceitos pertinentes ao colonialismo e pós-colonialismo (LOOMBA, 1998; HALL, 2003; BHABHA, 1998; MEMMI, 1977) e os efeitos sociais que estes conceitos têm para os indivíduos envolvidos neles (KINCAID, 1990). Nos ateremos também ao fato de Lucy ser uma mulher e, estando inserida em um contexto que favorece a dupla opressão que ela sofre (SPIVAK, 2010), discutiremos como sujeitos femininos são subjugados nas relações de poder entre os gêneros. Lucy, sendo uma mulher negra, não ocupa o mesmo lugar de desprivilegio que outras mulheres; é preciso dialogar com o feminismo interseccional (LUGONES, 2014; CRENSHAW, 1991), para então entender a formação da identidade feminina .

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Interseccionalidade; Feminismo; Jamaica Kincaid.

ABSTRACT

The novel *Lucy* presents the story of the character that names the book, a nineteen-year-old girl who moves to a new country, where she will work as an *au pair* in a family household. With this change, Lucy is faced with a series of questions that will lead her in searching to build her identity. Thus, we propose to investigate in this work how the identity formation of the character occurs. Therefore, it is necessary to analyze the historical, social, and cultural context in which she is inserted. To do so, we will address the concept of colonialism and post-colonialism (LOOMBA, 1998; HALL, 2003; BHABHA, 1998; MEMMI, 1977) and the social effect these terms have on the individuals involved in them (KINCAID, 1990). We will also focus on the fact that Lucy is a woman, and being inserted in a context that favors the double oppression she suffers (SPIVAK, 2010) we will discuss how female subjects are subjugated in power relations between genders). Lucy, being a black woman, does not occupy the same unprivileged place as other women. Hence it is necessary to dialogue with intersectional feminism (LUGONES, 2014; CRENSHAW, 1991), to understand the formation of female identity.

KEYWORDS: Identity; Intersectionality; Feminism; Jamaica Kincaid.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O FIM DA COLÔNIA?	11
1.1 Mulheres, Pós-Colonialismo e Literatura.	16
2. O AMADURECIMENTO FEMININO: DISCUTINDO QUESTÕES DE IDENTIDADE EM <i>LUCY</i>.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

A identidade é um conjunto de características que diferem os seres. É através dela que nos distinguimos entre os nossos semelhantes. Ao longo da vida, os indivíduos passam por transformações físicas, psicológicas e sociais que influenciam diretamente a forma como se identificam. Quando nos referimos àqueles que se encontram em contextos opressores, percebemos que, em relação às mulheres racializadas, os processos são mais complexos do que em outros contextos. Nesta pesquisa, trataremos então desse processo de construção de identidade da protagonista do romance *Lucy*, de autoria de Jamaica Kincaid.

Nascida Elaine Potter Richardson, em 1949, em uma ilha caribenha chamada Antígua, mais tarde, após sua ida para os Estados Unidos e o início de sua carreira como escritora, a autora adotou o nome Jamaica Kincaid, pois seus familiares desaprovavam seus textos. Mudou-se para os Estados Unidos em 1965 para trabalhar como *au pair* e estudar. Frequentava uma escola comunitária durante a noite e trabalhava durante o dia. Em seguida, demitiu-se do emprego como *au pair* para frequentar a *Franconia College* em *New Hampshire*. Atualmente, faz parte do corpo docente da Universidade de Claremont McKenna e da Academia Americana de Letras e Artes e mora em Vermont.

Kincaid iniciou sua carreira como colunista em 1973 ao começar a escrever para a revista *The New Yorker*. A coleção de contos, *At The Bottom Of The River*, de 1983, foi seu primeiro livro publicado; seu primeiro romance, *Annie John* (1985), relata o processo de amadurecimento de uma menina e sua relação com a mãe em Antígua. Publicações mais recentes incluem: *Lucy* (1990); *The Autobiography of my Mother* (1996), um romance ambientado na Dominica narrado por uma mulher de 70 anos que relembra sua vida; *Mr. Potter* (2007) e *See Now Then* (2013). Outras publicações importantes são: *A Small Place* (1988), um ensaio sobre os efeitos do colonialismo; e *My Brother* (1997), que narra a batalha de seu irmão contra a AIDS.

Seu amor pela jardinagem também a levou a escrever sobre o assunto, incluindo *My Garden* (2000) e *Among Flowers: A Walk in the Himalaya* (2005), um livro de memórias que narra a caminhada de três amigos botânicos em busca de sementes. Em 2014, recebeu o prêmio *Before Columbus Foundation American Book*, pelo romance *See Now Then* (2013).

Com uma linguagem simples e objetiva, os livros de Kincaid são caracterizados por delinear a trajetória de indivíduos inseridos em uma sociedade pós-colonial que enfrentam as

mais variadas problemáticas presentes nesse meio. Parte de seus textos expõem o status de indivíduo desenraizado, nascido no Caribe, mas vivendo na América do Norte. Utilizando suas experiências nos dois locais, a escritora analisa de forma crítica as vivências dos sujeitos no passado em Antígua com sua herança colonial, e o presente dos mesmos, em situação diaspórica nas terras norte-americanas. Dentro desse ambiente, Jamaica Kincaid trata ainda de questões de gênero e etnia e das relações entre mães e filhas.

Nesse contexto de escrita, temos *Lucy, corpus* de nossa análise, publicado em 1990. O terceiro romance da escritora caribenha narra a trajetória da personagem homônima, que deixa sua terra natal, uma ilha colonizada pelos ingleses, para fugir do passado, de suas raízes presas a uma sociedade patriarcal e colonial que oprime as mulheres e não lhes proporciona melhor destino que viver trabalhando para a família e ter filhos. No entanto, ao mesmo tempo que tenta fugir de suas raízes, Lucy não se reconhece nesse novo lugar, um lugar tão distinto daquilo que sempre conheceu. Diferenças no clima, nos objetos, na forma de relacionar em família, e a maneira de compreender o mundo e de se expressar, causam desconforto na protagonista que contesta e questiona as situações que lhe incomodam.

Para compreender melhor o contexto do qual Lucy era integrante antes de sua partida, tomamos o conto “Girl”, de Jamaica Kincaid como referência ao passado opressor que Lucy recorda em suas lembranças durante o romance; as duas personagens sofrem com a opressão feita sobre elas por uma sociedade que dita como uma mulher ou uma menina devem se comportar. O referido conto, seu primeiro trabalho literário publicado, trata das relações entre mãe e filha e faz parte da coletânea de contos publicados no livro *At the Bottom of the River* em 1983, mas sua primeira publicação data de 1978 no *The New Yorker*.

O conteúdo é uma espécie de lista de tarefas e saberes, que são passados por algumas mulheres as suas filhas. No conto, uma mãe está tentando ensinar sua filha para que tenha um comportamento aceito na sociedade em que vivem. É possível inferir que a mãe, provavelmente, já tenha ouvido palavras semelhantes de sua figura materna e agora tenta repassar à filha. Ao longo da história, o tom com que a mãe fala com a filha, além de protetor é, ao mesmo tempo, condescendente e crítico, sugerindo que, apesar das instruções, a menina ainda se tornará aquilo que a mãe quer tanto evitar.

Nesse sentido, tendo em vista que tomamos o enredo de “Girl” como ponto de referência ao que teria ocorrido na infância da personagem Lucy, a análise do presente da protagonista do romance nos possibilita determinar que ela não seguiu as instruções passadas nos anos anteriores, recomendações que constituem um conjunto de comportamentos que o sistema

patriarcal espera das mulheres. Sendo assim, não se tornou o que era desejo de sua mãe, rompendo, portanto, com as expectativas da sociedade patriarcal para mulheres colonizadas.

Portanto, a partir da análise de *Lucy*, investigaremos como ocorre a formação identitária da protagonista e como o contexto social em que está inserida influencia sua percepção de mundo e, por conseguinte, sua identidade. Para além, discutiremos aspectos da condição feminina no contexto pós-colonial presente na obra e investigaremos os aspectos contidos no processo de amadurecimento e autoconhecimento da personagem Lucy no contexto social e histórico em que está inserida.

Questionar sobre a identidade, ou melhor, sobre sua construção em um contexto pós-colonial, é de suma relevância, pois é através da afirmação dessa identidade que o indivíduo se colocará em confronto com as opressões vividas até então. Reafirmar sua identidade é instrumento de emancipação desse sistema que durante muito tempo se impôs.

A literatura como expressão artística nos proporciona entender o momento histórico, social e cultural de um povo, visto que, por meio dela, é possível assimilar as particularidades de uma sociedade, ou seja, seus valores, ideologias, relações de poder, características identitárias, e, com isso, vislumbrar novas existências, empregando, assim, uma outra forma de representar a realidade.

Portanto, a investigação da literatura Pós-colonial torna-se pertinente por tratar-se uma nova forma de representação de comunidades antes silenciadas por discursos hegemônicos, que não lhes permitiam falar por si mesmas ou as apresentavam de forma deturpadas. Ao dar espaço para as literaturas provenientes desse contexto, contribui-se ainda para o empoderamento desses indivíduos. Arelado ao estudo da literatura pós-colonial, a análise da literatura de autoria feminina é ainda mais importante, por ser muitas vezes deixada de lado e negligenciada, ainda mais se tratando de autoras como Jamaica Kincaid, que teve sua escrita renegada e marginalizada.

Nesse sentido, a literatura pós-colonial de autoria feminina aborda temáticas antes não estudadas ou trabalhadas, essa literatura transforma-se em campo para questionamento, revisitação e lutas políticas. Essas narrativas têm como proposta romper com as tradições hegemônicas, sejam elas o patriarcado ou a colonização, para que possam encontrar outras vozes ou percepções.

Neste trabalho, faremos uma análise do romance, primeiramente, com base na fortuna crítica sobre a autora, bem como em textos de Kincaid que contribuem para o estudo – isso inclui o conto “Girl”, como ponto de partida para a interpretação da narrativa.

O estudo do contexto de escrita de Jamaica Kincaid será fundamentado nas teorias dos estudos pós-coloniais, com foco no que diz respeito às questões de formação identitária dos sujeitos colonizados, especialmente os sujeitos femininos. Entendemos que o processo formação identitária das mulheres, nesse cenário, está atrelado a questões de gênero, por isso aliam-se aos estudos das teorias feministas, e especial, o feminismo interseccional. Nesse intento, objetivamos analisar a narrativa através dos estudos pós-coloniais a partir dos trabalhos de Ania Loomba (1998), Homi Bhabha, (1998), Albert Memmi (1977) e – particularmente em relação ao conceito de identidade dos sujeitos colonizados – Stuart Hall (2003). Os estudos da condição feminina no contexto pós-colonial serão feitos com base em Gayatri Spivak (2010), María Lugones (2014), e Kimberlé Crenshaw (1991).

Ao discorrer sobre os perigos de uma história contada somente por um único ponto de vista, Chimamanda Adichie chama atenção para tudo aquilo que deixou de ser dito, pois um discurso dominante se sobrepõe a outro. Trataremos então de evidenciar, na análise, a retomada da voz daqueles antes silenciados e como isso é fundamental quando se trata de identidade.

1. O FIM DA COLÔNIA?

A escritora e professora indiana Ania Loomba (1998) afirma que não é possível entender ou caracterizar o que são os estudos Pós-coloniais sem antes definir o que é colonialismo.

So colonialism can be defined as the conquest and control of other people's land and goods. But colonialism in this sense is not merely the expansion of various European powers into Asia, Africa or the Americas from the sixteenth century onwards; it has been a recurrent and widespread feature of human history.¹ (LOOMBA, 1998, p. 08)

Em sua versão moderna, segundo Ania Loomba (1998), o colonialismo fez mais do que extrair riquezas, bens e matérias-primas; ele reconfigurou economicamente os países que conquistou, levando-os a uma relação complexa com os seus, alterando o fluxo de pessoas e bens entre colônia e metrópole. Além do colonialismo, a autora chama atenção para definição de imperialismo e como este se difere do primeiro, definindo imperialismo como o estado mais avançado do colonialismo, uma vez que constrói um sistema global que proporciona uma relação de dependência.

Direct colonial rule is not necessary for imperialism in this sense, because the economic (and social) relations of dependency and control ensure both captive labour as well as markets for European industry as well as goods. Sometimes the words 'neo-imperialism' or 'neo-colonialism' are used to describe these situations. In as much as the growth of European industry and finance-capital was achieved through colonial domination in the first place, we can also see that imperialism (in this sense) is the highest stage of colonialism. In the modern world, then, we can distinguish between colonisation as the takeover of territory, appropriation of material resources, exploitation of labour and interference with political and cultural structures of another territory or nation, and imperialism as a global system.² (LOOMBA, 1998, p. 11)

Para ela, o processo de colonizar inclui a formação de novas comunidades, isso implica “des-formar” e “re-formar” as comunidades já formadas,

¹ Assim, o colonialismo pode ser definido como a conquista e o controle da terra e dos bens de outras pessoas. Mas o colonialismo, nesse sentido, não é apenas a expansão de várias potências europeias na Ásia, na África ou nas Américas a partir do século XVI; tem sido uma característica recorrente e difundida da história humana. (Tradução nossa)

² O domínio colonial direto não é necessário para o imperialismo nesse sentido, porque as relações econômicas (e sociais) de dependência e controle asseguram tanto o trabalho cativo quanto os mercados para a indústria europeia, bem como para os bens. Às vezes, as palavras "neoimperialismo" ou "neocolonialismo" são usadas para descrever essas situações. Na medida em que o crescimento da indústria e do capital financeiro europeus foi alcançado através da dominação colonial, também podemos ver que o imperialismo (nesse sentido) é o estágio mais elevado do colonialismo. No mundo moderno, então, podemos distinguir entre a colonização como a tomada de território, a apropriação de recursos materiais, a exploração do trabalho e a interferência com estruturas políticas e culturais de outro território ou nação, e o imperialismo como um sistema global. (Tradução nossa)

[...] and involved a wide range of practices including trade, plunder, negotiation, warfare, genocide, enslavement and rebellions. Such practices generated and were shaped by a variety of writings—public and private records, letters, trade documents, government papers, fiction and scientific literature. These practices and writings are what contemporary studies of colonialism and postcolonialism try to make sense of.³ (LOOMBA, 1998, p. 08)

Stuart Hall (2003, p. 112-113) também disserta a respeito do colonialismo, como sendo muito mais que uma dominação de algumas regiões pelas potências imperiais. O autor acredita que significa “o processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a "face mais evidente", o exterior constitutivo, da modernidade capitalista europeia e, depois ocidental, após 1492”, acarretando um impacto histórico-social de dimensões globais para esse fato, marcado de forma permanente tanto na história das colônias como na das metrópoles.

O conceito de colonialismo, como salientado por Loomba (1998), é uma generalização. Ela destaca que existem processos comuns ao colonialismo, no entanto, o colonialismo não pode ser encarado como um fenômeno homogêneo, devendo ser vinculado a outros aspectos econômicos, sociais, culturais, históricos e geográficos que fazem com que esse fenômeno aconteça de forma distinta nas diversas partes do mundo.

Os estudos pós-coloniais reivindicam a voz de um povo antes silenciado. A ruptura com a história única, na qual a ideologia da colonização legitimou a dominação do homem pelo homem. Homi Bhabha (1998, p.23) problematiza o uso do prefixo “pós” - pós-colonialismo, pós-feminismo, pós-modernidade - por indicar uma sequencialidade ou antagonismo. Para o autor, essas expressões “que apontam insistentemente para o além só poderão incorporar a energia inquieta e revisionária deste se transformarem o presente em um lugar expandido e excêntrico de experiência e aquisição de poder”. Entende-se o termo “pós” como indicação de oposição e resistência, como referindo-se às diversas contestações perante a dominação colonial e a herança dessa mesma dominação.

A crítica pós-colonial é escrita, em sua grande maioria, por indivíduos que experienciaram e/ou experienciam os efeitos da colonização. Esses indivíduos passaram por todos os processos violentos que a colonização impõe: a dominação, a desumanização, a perda de identidade, a diáspora, o preconceito racial, enfim, tudo que a irresponsabilidade humana é capaz pelo poder. Esse campo de estudos tem como vocação política a crítica ao colonialismo e a desconstrução do discurso hegemônico.

³ [...] e envolvia uma ampla gama de práticas, incluindo comércio, saques, negociação, guerra, genocídio, escravidão e rebeliões. Tais práticas geraram e foram moldadas por uma variedade de escritos - registros públicos e privados, cartas, documentos comerciais, documentos governamentais, ficção e literatura científica. Essas práticas e escritos são o que os estudos contemporâneos do colonialismo e pós-colonialismo tentam dar sentido. (Tradução nossa)

[...] toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram a sentenciamento da história - subjugação dominação diáspora, deslocamento - que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social - como ela emerge em formas culturais não-canônicas - transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da "ideia" de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis produzidas no ato da sobrevivência social. (BHABHA, 1998, p. 240)

O que os estudos pós-coloniais propõem são reformulações dos conceitos e o confronto das relações coloniais estabelecidas, de modo a tornar os limiares dessas relações mais transponíveis, reivindicando as ressignificações de algumas instâncias, principalmente aquelas que dizem respeito às relações colonizador/colonizado e metrópole/colônia.

No livro *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1977), o professor e escritor Albert Memmi nos apresenta um panorama bem abrangente da relação entre colonizador e colonizado e das particularidades que a permeia. Ele considera que a ligação colonizado e colonizador é, ao mesmo tempo, criadora e destruidora: “[...] destrói e recria os dois parceiros da colonização, colonizador e colonizado: um é desfigurado em opressor [...], o outro em oprimido”. Ele conclui: “há, em todo colonizado, uma exigência fundamental de mudança.” (MEMMI, 1977, p. 105)

Para Stuart Hall (2003, p.56), os estudos pós-coloniais não se tratam apenas de uma sucessão cronológica, nem o termo “pós-colonial” implica que os problemas gerados pela colonização foram solucionados e os conflitos deixaram de existir. Longe disso, para o autor, “o "pós-colonial" marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra”. A dependência econômica, o subdesenvolvimento e a marginalização, problemas comuns à época da colonização, perduram até o pós-colonial, no entanto, eram estruturados como relações desiguais de poder entre colonizador e colonizado. Enquanto que, no período pós-colonial, “essas relações são deslocadas e reencenadas como lutas entre forças sociais nativas, como contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo”.

Especificamente sobre os efeitos da colonização no Caribe, a própria Jamaica Kincaid nos traz algumas pontuações em seu ensaio *On seeing England for the first time* (1991), um de seus textos mais notórios, no qual ela apresenta momentos de sua infância onde percebemos a presença latente do imperialismo inglês imposto em Antígua, que ocorre desde o sistema educacional:

When I saw England for the first time, I was a child in school sitting at a desk. The England I was looking at was laid out on a map gently, beautifully, delicately, a very special jewel; it lay on a bed of sky blue - the background of the map-its yellow form mysterious, because though it looked like a leg of mutton, it could not really look like anything so familiar as a leg of mutton because it was England-with shadings of pink and green, unlike any shadings of pink and green I had seen before, squiggly veins of red running in every direction. England was a special jewel all right, and only special people got to wear it. The people who got to wear England were English people. They wore it well and they wore it everywhere: in jungles, in deserts, on plains, on top of the highest mountains, on all the oceans, on all the seas, in places where they were not welcome, in places they should not have been. (KINCAID, 1990, p. 364-365)⁴

A escritora nos apresenta sua primeira visão do que seria a grande Inglaterra, daquele lugar que ela havia tanto ouvido falar, assim como ocorre em muitas sociedades colonizadas; é possível perceber a sua admiração, enquanto criança, pela metrópole. Ela ainda busca suas referências mais próximas para comparar o que vê, para tornar sua experiência mais próxima e familiar. Quando a autora compara a Inglaterra com uma joia, demonstra a quase inacessibilidade do país colonizador, e que somente algumas pessoas poderiam usar essa joia, pessoas especiais, apenas aquelas que eram pertencentes àquele lugar, essas pessoas eram os Ingleses.

Kincaid continua seu relato:

When my teacher had pinned this map up on the blackboard, she said, "This is England" -and she said it with authority, seriousness; and adoration, and we all sat up. It was as if she had said, "This is Jerusalem, the place you will go to when you die but only if you have been good." We understood then -we were meant to understand then - that England was to be our source of myth and the source from which we got our sense of reality, our sense of what was meaningful, our sense of what was meaningless-and much about our own lives [...]. (KINCAID, 1990, p. 364-365)⁵

O trecho destacado acima traduz como o espírito colonizador se tornou parte da vida da escritora caribenha, assim como de milhares de outras pessoas negras e brancas (certamente mais negras do que brancas), que viveram sob a luz dos costumes e da cultura, que lhes foram impelidas, de uma nação dominante.

⁴ Quando vi a Inglaterra pela primeira vez, eu era uma criança na escola sentada em uma mesa. A Inglaterra para a qual eu estava olhando estava disposta em um mapa gentilmente, lindamente, delicadamente, uma jóia muito especial; estava em uma cama de céu azul - o plano de fundo do mapa - sua forma amarela misteriosa, porque, embora parecesse uma perna de carneiro, não poderia parecer nada tão familiar como uma perna de carneiro, porque era a Inglaterra. matizes de rosa e verde, diferente de qualquer matiz de rosa e verde que eu já tivesse visto, veias sinuosas de vermelho correndo em todas as direções. A Inglaterra era uma joia especial, e apenas pessoas especiais puderam usá-la. As pessoas que vestiram a Inglaterra eram inglesas. Usavam-no bem e usavam-no em todo o lado: nas selvas, nos desertos, nas planícies, no cimo das montanhas mais altas, em todos os oceanos, em todos os mares, em lugares onde não eram bem-vindos, em lugares onde não deviam ir. (Tradução nossa)

⁵ Quando minha professora prendeu este mapa no quadro-negro, ela disse: "Esta é a Inglaterra" - e ela disse isso com autoridade, seriedade; e adoração, e todos nós nos sentamos. Era como se ela tivesse dito: "Esta é Jerusalém, o lugar para o qual você irá quando morrer, mas somente se tiver sido bom." Entendemos então - a gente deveria entender então - que a Inglaterra seria nossa fonte de mito e a fonte a partir da qual obtivemos nosso senso de realidade, nosso senso do que era significativo, nosso senso do que era insignificante - e muito sobre nossas próprias vidas[...]. (Tradução nossa)

Em outro ensaio, *A Small Place* (1988), Jamaica Kincaid retrata sua visão crítica da situação em que uma sociedade pós-colonial é vista por aqueles que a constituem, e por aqueles que de certa forma olham de fora. Nesse texto, a experiência turística corrobora com uma impressão ainda colonial de um lugar exótico, com seus mistérios e paisagens paradisíacas:

As your plane descends to land, you might say, What a beautiful island Antigua is - more beautiful than any of the other islands you have seen, and they were very beautiful, in their way, but they were much too green, much too lush with vegetation, which indicated to you, the tourist, that they got quite a bit of rainfall, and rain is the very thing that you, just now, do not want, for you are thinking of the hard and cold and dark and long days you spent working in North America (or, worse, Europe), earning some money so that you could stay in this place (Antigua) where the sun always shine and where the climate is deliciously hot and dry for the four to ten days you are going to be staying here; [...] (KINCAID, 1988, p. 3-4)

Em seu ensaio, Jamaica Kincaid apresenta a voz do sujeito pós-colonial e sua visão crítica sobre sua terra. A importância dos estudos pós-coloniais na atualidade corrobora a concepção de que a independência das colônias não significou o fim da era colonial. Ania Loomba (1998) afirma que os estudos pós-coloniais surgem para estabelecer uma nova forma de pensar, e para que os processos culturais, econômicos, intelectuais e políticos sejam entendidos como parte complementar da formação, perpetuação e desmantelamento do colonialismo. O discurso pós-colonial, como afirma a autora, questionará concepções epistemológicas referentes à violência colonial, que inclui a segregação dos sistemas de crenças e do conhecimento dos povos colonizados, e a subjugação da produção de conhecimento, assim, dominando também as imagens, os estereótipos e as representações criadas e reproduzidas por esses povos. Nesse sentido, segundo Loomba, a literatura terá um papel fundamental na construção da superioridade colonial sobre os colonizados, mas pode ser ainda, um meio de apropriação, ou de contestar as formas de representação dominante e as ideologias coloniais.

1.1 Mulheres, Pós-Colonialismo e Literatura.

As teorias feministas e a perspectiva de gênero lançam luz ao emprego do discurso das representações de gênero e nos possibilitam compreender o que está sendo assim definido. Entre outras questões, elucidam que o gênero é um símbolo de hierarquia e de ordem social, que se tornaram fundamentais as discussões a esse respeito na modernidade.

Publicado pela primeira vez em 1981, a obra *Mulheres, raça e classe* de Angela Davis lança luz às condições femininas interseccionando as categorias que dão nome ao livro. Logo no primeiro capítulo, denominado *O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher*, Davis discorre sobre a falta de trabalhos acadêmicos que elucidassem o tratamento que mulheres escravizadas recebiam, sua força de trabalho era explorada igualmente aos homens, porém para além disso

[...] as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25)

Portanto, além da exploração do trabalho de mão-de-obra escravizada sob ameaça de punições físicas, as mulheres negras tinham seus corpos violados também como forma de opressão e dominação. O homem branco, especialmente aquele detentor do poder econômico, sempre sentiu o direito de possuir os corpos femininos, mais ainda os corpos negros. Observando a condição feminina durante a história, notamos que as mulheres desde sempre sofreram opressões pelo patriarcado. Para além dos abusos físicos usados como forma de impor a subordinação ao gênero feminino, a divisão de ocupações e deveres entre os gêneros também é um aspecto demonstrativo de como o patriarcado oprime as mulheres. No livro *Um feminismo decolonial* (2020), Françoise Vergès exemplifica como funciona esse mecanismo de divisão de tarefas:

Bilhões de mulheres se ocupam incansavelmente da tarefa de limpar o mundo. Sem o trabalho delas, milhões de empregados, de agentes do capital, do Estado, do Exército, das instituições culturais, artísticas e científicas, não poderiam ocupar seus escritórios, comer em refeitórios, realizar reuniões, tomar decisões em espaços asseados onde lixeiras, mesas, cadeiras, poltronas, pisos, banheiros, restaurantes foram limpos e postos à sua disposição. Esse trabalho indispensável ao funcionamento de qualquer sociedade deve permanecer invisível. Não devemos nos dar conta de que o mundo onde circulamos foi limpo por mulheres racializadas e superexploradas. Por um lado, esse trabalho é considerado parte daquilo que as mulheres devem fazer (sem reclamar) há séculos – o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito. (VERGÈS, 2020, p. 17)

O exercício do poder masculino sobre o feminino é notado de várias formas e por meio de diversas estratégias. Nos atentamos que instituições de poder estão muitas vezes sob o controle masculino, enquanto mulheres são subjugadas a esse domínio, que estruturalmente e historicamente tem pertencido aos homens. Aos poucos, as teorias feministas abrem espaço para questionamentos e a ressignificação do poder dentro da sociedade, mostrando uma ocupação e apropriação devida do mesmo pelas mulheres.

A partir das reflexões sobre as relações de poder estabelecidas pelo patriarcado e pelo colonialismo, observamos uma conexão entre os estudos pós-coloniais e o feminismo. Em outras palavras, da mesma forma como o patriarcado oprime a mulher em relação ao homem, o colonialismo oprime o colonizado em relação à “metrópole”. Se considerarmos essas duas forças opressoras, a mulher é duplamente oprimida (SPIVAK, 2010), uma vez que não se trata apenas da divisão sexual do trabalho, porque apesar dos dois sujeitos, homem e mulher, fazerem parte de uma história colonialista opressora, a dominação masculina é sustentada pela construção ideológica de gênero (SPIVAK, 2010).

Quando Gayatri Spivak (2010, p.67) afirma que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais na obscuridade”, ela chama atenção para a necessidade de a crítica pós-colonial contemplar os estudos feministas para melhor compreender a diversidade do sujeito colonizado e a complexidade das várias formas de opressão sofridas por esses indivíduos. Assim, Gayatri Spivak amarra as teorias feministas e pós-coloniais ao demonstrar que o entendimento completo de uma depende da outra e que as opressões que essas teorias estudam não podem fazer sentido se forem examinadas separadamente.

As teorias feministas que ocuparam o cenário acadêmico durante muito tempo não contemplavam todas as mulheres. Era preciso pensar em teorias que considerassem a subjetividade e os diferentes contextos em que se encontravam as mulheres de cor, as operárias etc. E que nem todas eram brancas, de classe média, cisgênero, ou faziam parte da classe colonizadora. Essas percepções abriram caminho para o surgimento dos estudos feministas interseccionais no final da década de 60 início dos anos 70. Kimberlé Crenshaw, uma das ativistas que deram início aos estudos sobre raça e sexo nos Estados Unidos, posiciona-se quanto à urgência da discussão sobre o lugar que as mulheres de cor ocupam na sociedade, e que não é possível dissociar raça, classe e gênero.

At the simplest level, race, gender, and class are implicated together because the fact of being a woman of color correlates strongly with poverty. Moreover, the disparate access to housing and jobs—that is, the phenomenon of discrimination—is reproduced through their race and gender identity. Race and gender are two of the primary sites for the particular distribution of social

resources that ends up with observable class differences. And finally, once in a lower economic class, race and gender structures continue to shape the particular ways that women of color experience poverty, relative to other groups. (CRENSHAW, 1991)⁶

Crenshaw (1991) observa que muitas mulheres negras agrupam características que as colocam em posições mais vulneráveis em relação às outras mulheres. Responsabilidades, cuidar dos filhos, pobreza e falta de estudos são consequências da discriminação a que esses indivíduos estão sujeitos (CRENSHAW, 1991). Os estudos interseccionais nos proporcionam um olhar amplo sobre essas marcas sociais que vão indiscutivelmente serem agregadas às razões pelas quais as mulheres negras sofrem mais violências.

Tendo em vista em pontos destacados, é preciso atentar para a universalidade do feminismo. María Lugones (2014, p. 935) afirma que os estudos interseccionais propõem “o sistema moderno colonial de gênero como uma lente através da qual aprofundar a teorização da lógica opressiva da modernidade colonial, seu uso de dicotomias hierárquicas e de lógica categorial.”. A autora enfatiza que pensar essas categorias dicotômicas e hierárquicas são fundamentais para a discussão a respeito do capitalismo e da colonização moderna sobre raça, gênero e sexualidade.

Lugones (2014, p.936) compreende a dicotomia humano e não humano como ponto central da colonização moderna, ela coloca como exemplo a colonização das Américas e do Caribe como ponto de partida dessa hierarquia, explica que “uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental.”. Ademais, essa dicotomia surge em conjunto com outras, por exemplo homem e mulher.

Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. (LUGONES, 2014, p. 936).

Sendo assim, o homem europeu colonizador se torna sujeito, dotado de razão e poder, enquanto a mulher europeia não tem o mesmo status social, é vista como “alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês.” (LUGONES, 2014, p. 936). Dessa forma

⁶ No nível mais simples, raça, gênero e classe estão implicados juntos porque o fato de ser uma mulher de cor tem forte correlação com a pobreza. Além disso, o acesso desigual à moradia e ao emprego - ou seja, o fenômeno da discriminação - é reproduzido por meio de sua identidade racial e de gênero. Raça e gênero são dois dos principais locais para a distribuição particular de recursos sociais que resultam em diferenças de classe observáveis. E, finalmente, as estruturas de classe econômica, raça e gênero continuam a moldar as formas específicas pelas quais as mulheres negras vivenciam a pobreza, em relação a outros grupos. (Tradução nossa)

somente o colonizador ocidental era visto como humano, negando essa categoria aos sujeitos colonizados.

Se os sujeitos colonizados não possuem o status de humanidade, conseqüentemente, a mulher sofrerá maiores prejuízos, como explica Lugones (2014, p.939) “A consequência semântica da colonialidade do gênero é que “mulher colonizada” é uma categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher.”.

É notável que as relações de gêneros entre a mulher branca da colônia e a mulher colonizada não poderiam ser consideradas de forma igualitária, ou até mesmo para outras mulheres pertencentes a diferentes contextos sociais, econômicos, étnicos e culturais, que ocupam diferentes papéis sociais e, conseqüentemente, sofrem os mais diversos tipos de opressões.

2. O AMADURECIMENTO FEMININO: DISCUTINDO QUESTÕES DE IDENTIDADE EM *LUCY*

Em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2001) reflete sobre a fragmentação da identidade humana a partir do final do século XX. Na modernidade, o homem transforma sua identidade pessoal a partir da etnia, nacionalidade, classe e raça, ressignificando a ideia que temos da conexão do sujeito com a sociedade.

Hall (2001) estabelece três conceituações de sujeito: 1) o sujeito do Iluminismo – aquele que tem sua identidade predeterminada e consolidada, desde o seu nascimento até sua morte (ressaltamos) que esse sujeito era na maioria das vezes masculino; 2) sujeito sociológico – este tem sua identidade firmada na “interação entre o ‘eu’ e a sociedade”, todavia, na essência, esse indivíduo ainda controla sua identidade, o que Hall (2001, p.11) chama de “eu real”, que é modificado por interações contínuas com o mundo externo; 3) o sujeito pós-moderno, caracterizado como o que não possui apenas uma identidade, mas inúmeras, algumas são contraditórias e outras não resolvidas. Nessa perspectiva, “[a] identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2001, p. 12-13)

Segundo o teórico, a identidade do sujeito pós-moderno define-se historicamente, e não biologicamente. Ao encontrar-se em diferentes contextos, o indivíduo modifica sua identidade conforme o momento, sua identidade não está unificada em volta de um “eu” coerente. Internamente, existem identidades distintas lutando e nos impulsionando em diferentes direções. Dessa forma, as identificações estão constantemente se deslocando: “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2001, p. 13).

Como vimos no capítulo anterior, em *Pode o subalterno falar?*, Gayatri Spivak (2010) questiona a representação do sujeito subalternizado, afirmando que este não possui espaços de fala. Considerando extremamente importante o papel da representação para a identidade, a autora vincula as teorias feministas e pós-coloniais à questão da identidade, visto que, ao estudar um objeto a partir dessas teorias, é preciso atentar para os sujeitos que passam por esses objetos.

Especificamente em um contexto pós-colonial, a migração torna-se um fenômeno corriqueiro que influencia diretamente na identidade dos sujeitos. Refletindo sobre a diáspora, Hall (2003, p.28) afirma:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural, seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda

parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.

A partir desse deslocamento, o sujeito se estabelecerá em uma localidade extremamente distinta de sua origem, resultando em sua marginalização social, buscando uma adaptação à nova realidade, criando novas comunidades e alterando a cultura local através de trocas culturais. Ainda que esse indivíduo retorne ao seu local de origem, carregará consigo os traços culturais que lhe foram impelidos, ocasionando em um afastamento de sua cultura original. Conforme observa Hall (2003, p.29), “Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando o passado ao futuro e o presente numa linha ininterrupta.”

No entanto, é possível testemunhar que, devido às violências sofridas em seu local de origem, o sujeito pós-colonial muitas vezes tende a apagar as memórias de sua identidade original, incorrendo em uma busca por uma nova identidade, ultrapassando os traumas da colonização e ignorando seu eu anterior construído pelo colonizador e consentido, posteriormente, pelo colonizado.

Homi Bhabha (1998, p.72) postula que a luta contra a opressão colonial discute muitas questões ocidentais, modificando não somente a direção da história, mas debatendo sua estrutura e sua historicidade em termos de tempo como um todo progressista e ordenado. Essa mudança de olhar, ainda segundo o autor, altera a representação social e psíquica desse sujeito. (p. 72)

O autor aponta que, para o sujeito colonizado, “existir e ser chamado a existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou locus” (BHABHA, 1998, p. 76), dado que é constantemente no papel de Outro imposto pela autoridade colonizadora que acontecem as articulações do desejo e da subjetividade do colonizado. Bhabha ainda explicita que, “o próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão” (1998, p. 76), tendo em conspiração que “não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial - o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro” (BHABHA, 1998, p. 76). A identidade em contexto colonial é construída de forma fragmentada, entre aquilo o que se é de fato (ou a representação daquilo que se acredita ser), aquilo que é imposto e o que se deseja ser (ou seja, a figura do colonizador que é apresentada como desejável, por permitir o afastamento da condição de subalternidade).

Stuart Hall (2001) aponta os movimentos feministas como sendo fundamentais para a alteração dos conceitos de identidade conhecidos há pouco tempo. Mais do que isso o movimento teria chamado a atenção para a conscientização sobre o gênero, politizando também

as identidades, pensando-as a partir das questões sexuais e de gênero. Sendo assim, diante das afirmações da crítica feminista, já mencionadas neste trabalho, é incoerente pensar em sujeitos humanos (a parte de seus gêneros) porque somos sempre colocados como sujeitos sociais a partir de nosso gênero. Dessa forma, o feminismo enquanto campo de estudo passa a se preocupar com a questão da diferença sexual, como afirma Hall (2001); não é somente a posição social da mulher que importa ao movimento, mas também como ocorre a construção das identidades sexuais e de gênero e como elas influenciam essas posições.

O romance *Lucy* retrata a realidade de uma mulher no contexto pós-colonial, da diáspora, do preconceito (de raça, gênero, classe social), mas acima de tudo, da construção sua identidade. Aos dezenove anos, Lucy, a protagonista do romance em análise, deixa sua terra natal, uma ilha, nas Índias Ocidentais, colonizada pelos ingleses, onde a herança colonial e uma sociedade patriarcal a fazem se sentir reprimida, onde as mulheres são deixadas em segundo plano e não são encaminhadas a um destino melhor do que ter filhos e viver trabalhando para sustentar a família. No entanto, ao chegar na América do Norte, ela reflete sobre as diferenças entre o lugar que ela já havia chamado de lar e onde mora agora:

Everything I was experiencing—the ride in the elevator, being in an apartment, eating day-old food that had been stored in a refrigerator—was such a good idea that I could imagine I would grow used to it and like it very much, but at first it was all so new that I had to smile with my mouth turned down at the corners. (KINCAID, 1990, p. 06)⁷

Segundo Stuart Hall (2003), aqueles que enfrentam a migração carregam consigo o desejo redentor de voltar ao seu local de origem, assim como ocorre com Lucy, que, por alguns momentos, sente saudade de sua terra natal, pois agora ela encontra-se em uma situação desconhecida e não sabe o que esperar do futuro.

I was no longer in a tropical zone, and this realization now entered my life like a flow of water dividing formerly dry and solid ground, creating two banks, one of which was my past—so familiar and predictable that even my unhappiness then made me happy now just to think of it—the other my future, a gray blank, an overcast seascape on which rain was falling and no boats were in sight. I was no longer in a tropical zone and I felt cold inside and out, the first time such a sensation had come over me. (KINCAID, 1990, p. 07)⁸

⁷ Tudo o que eu estava vivenciando - o passeio no elevador, estar em um apartamento, comer alimentos de um dia que haviam sido guardados em uma geladeira - era uma boa ideia que eu poderia me acostumar e gostar muito, mas no começo era tudo tão novo que eu tive que sorrir com a boca virada nos cantos. (Tradução nossa)

⁸ Eu não estava mais em uma zona tropical, e essa percepção agora entrava em minha vida como um fluxo de água que se dividia em terra seca e sólida, criando dois bancos, um dos quais era meu passado - tão familiar e previsível que até minha infelicidade me fez feliz agora apenas por pensar nisso - o outro meu futuro, um espaço em branco, uma paisagem nublada na qual a chuva caía e nenhum barco estava à vista. Eu não estava mais em uma zona tropical e sentia frio por dentro e por fora, a primeira vez que uma sensação assim me acometeu. (Tradução nossa)

Refletindo sobre as disparidades entre seu lugar de origem e sua nova morada, Lucy pondera a respeito do clima. Ela compreende que está realmente muito longe de casa e se encontra em um momento de divisão entre seu passado e seu futuro. Apesar de estar sentindo uma sensação totalmente nova e desconhecida, ela se sente feliz. Essa felicidade está diretamente relacionada com o fato de ela estar distante de sua terra natal, marcando a relação contraditória que a protagonista mantém tanto no que diz respeito à terra natal, quanto aos Estados Unidos.

In books I had read—from time to time, when the plot called for it—someone would suffer from homesickness. A person would leave a not very nice situation and go somewhere else, somewhere a lot better, and then long to go back where it was not very nice. How impatient I would become with such a person, for I would feel that I was in a not very nice situation myself, and how I wanted to go somewhere else. But now I, too, felt that I wanted to be back where I came from. I understood it, I knew where I stood there. If I had had to draw a picture of my future then, it would have been a large gray patch surrounded by black, blacker, blackest. (KINCAID, 1990, p. 07)⁹

No trecho acima, temos um exemplo desse conflito, uma vez que a protagonista demonstra estar sentindo “saudade de casa”, pois, mesmo partindo de uma realidade de marginalização e de subdesenvolvimento, aquele lugar ainda foi onde ela cresceu. Esse sentimento é intensificado quando Lucy se mostra insegura sobre como será seu futuro. O futuro que Lucy tanto almejava não parece mais tão promissor quando ela começa a ter ciência de como é vista pelas pessoas que a rodeiam nessa nova sociedade.

In the past, the thought of being in my present situation had been a comfort, but now I did not even have this to look forward to [...] The room in which I lay was a small room just off the kitchen—the maid’s room. I was used to a small room, but this was a different sort of small room. (KINCAID, 1990, p. 07-08)¹⁰

Ao descrever o cômodo onde dorme na casa em que trabalha como *au pair*, percebemos que Lucy não está confortável, mas isso não se deve ao tamanho do quarto, e sim ao fato de que esse é o quarto da empregada. Aqui percebemos, novamente, o conflito que existe entre a maneira como Lucy se vê e como aqueles pertencentes à sociedade hegemônica a consideram,

⁹ Nos livros que eu havia lido - de tempos em tempos, quando o enredo pedia - alguém sofria de saudade de casa. Uma pessoa deixaria uma situação não muito agradável e iria para outro lugar, em algum lugar muito melhor, e depois demoraria muito para voltar onde não era muito agradável. Quão impaciente eu me tornaria com tal pessoa, pois eu sentiria que estava em uma situação não muito boa, e como queria ir para outro lugar. Mas agora eu também sentia que queria estar de volta de onde vim. Eu entendi, eu sabia onde eu estava. Se eu tivesse que desenhar uma imagem do meu futuro, então, teria sido uma grande mancha cinza cercada por preto, preto, preto. (Tradução nossa)

¹⁰ No passado, a ideia de estar na minha situação atual tinha sido um consolo, mas agora eu nem sequer tinha isso para olhar para frente [...] O cômodo em que eu estava era um pequeno quarto ao lado da cozinha - o quarto da empregada. Eu estava acostumada a um quarto pequeno, mas este era um tipo diferente de quarto pequeno. (Tradução nossa)

o resultado desse conflito é a marginalização social de Lucy. Retomando María Lugones (2014), Lucy, como mulher negra e colonizada, não ocupa o mesmo status que a mulher branca.

No excerto anterior, foi destacado o lugar que Lucy passa a ocupar na casa da família que a recebe na América. Entretanto, a forma como a empregada doméstica da casa também trata a personagem principal reflete a ideia que os colonizadores têm dos indivíduos colonizados, ainda que eles ocupem lugares similares na terra da sociedade hegemônica. Aqui estamos falando de duas mulheres que estão submetidas à uma condição social abaixo da mulher branca e que, no entanto, dividem-se em hierarquias por conta da colonização.

One day the maid who said she did not like me because of the way I talked told me that she was sure I could not dance. She said that I spoke like a nun, I walked like one also, and that everything about me was so pious it made her feel at once sick to her stomach and sick with pity just to look at me. (KINCAID, 1990, p. 10)¹¹

O comportamento de Lucy descrito pela outra personagem é uma característica da educação passada às meninas em sistemas que promovem não só a desigualdade de gênero, mas a subalternização do colonizado. Traços de personalidade que sejam considerados inadequado religiosamente ou socialmente devem ser banidos do desenvolvimento feminino. Entrelaçando a história de Lucy com outra personagem feminina de Jamaica Kincaid podemos entender melhor como funciona esses ensinamentos.

O conto *Girl* (1983), representa a educação que meninas recebem em uma sociedade colonizada, sendo esses comportamentos muitas vezes herança da colonização machista e pautada nos valores do cristianismo que foi repassada por gerações, como ilustra a seguinte passagem:[...] is it true that you sing benna in Sunday school?; always eat your food in such a way that it won't turn someone else's stomach; on Sundays try to walk like a lady and not like the slut you are so bent on becoming; don't sing benna in Sunday school [...]. (KINCAID, 1992, p. 6)¹²

Ademais, o lugar que Lucy ocupa é sempre marcado e deixado claro pelos que a cercam, ora pela empregada que julga seu comportamento e a define diferente dos demais, ora pelos patrões que a recebem que na casa onde trabalha:

It was at dinner one night not long after I began to live with them that they began to call me the Visitor. They said I seemed not to be a part of things, as if I didn't live in their

¹¹ Um dia, a empregada que disse que não gostava de mim pelo jeito que eu falava me disse que tinha certeza de que eu não sabia dançar. Ela disse que eu falava como uma freira, também andava como uma e que tudo em mim era tão piedoso que a fazia sentir-se mal do estômago e enjoada só de olhar para mim. (Tradução nossa)

¹² [...] é verdade que você canta benna na escola dominical?; sempre coma sua comida de uma forma que não faça revirar o estômago de outra pessoa; aos domingos, tente andar como uma dama e não como a vagabunda que você está decidida a se tornar; não cante benna na escola dominical [...] (Tradução nossa)

house with them, as if they weren't like a family to me, as if I were just passing through, just saying one long Hallo!, and soon would be saying a quick Goodbye! . (KINCAID, 1990, p. 11)¹³

Ao relatar tal ocorrido é perceptível o desconforto de Lucy com a forma pela qual é tratada por Mariah e Lewis. Os papéis desempenhados pelos personagens, ainda que implicitamente, são o de colonizado e colonizadores, mesmo Lucy não se vendo nesse lugar marginalizado o casal a separa deles. Lucy aceita, por hora, o local de colonizada, como Albert Memmi (1977, p. 127) destaca na passagem a seguir: “Assim como o colonizador é tentado a aceitar-se como colonizador, o colonizado é obrigado, para viver, a aceitar-se como colonizado”

Resignada ao papel de colonizada durante a infância Lucy no presente reflete o passado externando suas inquietações como observamos na passagem a seguir, que traz um ponto importante na discussão da maneira como a herança da colonização atinge indivíduos colonizados, e afeta suas vidas e identidades, deixando traumas profundos.

I remembered an old poem I had been made to memorize when I was ten years old and a pupil at Queen Victoria Girls' School. I had been made to memorize it, verse after verse, and then had recited the whole poem to an auditorium full of parents, teachers, and my fellow pupils. After I was done, everybody stood up and applauded with an enthusiasm that surprised me, and later they told me how nicely I had pronounced every word, how I had placed just the right amount of special emphasis in places where that was needed, and how proud the poet, now long dead, would have been to hear his words ringing out of my mouth. I was then at the height of my two-facedness: that is, outside I seemed one way, inside I was another; outside false, inside true. And so I made pleasant little noises that showed both modesty and appreciation, but inside I was making a vow to erase from my mind, line by line, every word of that poem. The night after I had recited the poem, I dreamt, continuously it seemed, that I was being chased down a narrow cobbled street by bunches and bunches of those same daffodils that I had vowed to forget, and when finally I fell down from exhaustion they all piled on top of me, until I was buried deep underneath them and was never seen again. I had forgotten all of this until Mariah mentioned daffodils, and now I told it to her with such an amount of anger I surprised both of us. We were standing quite close to each other, but as soon as I had finished speaking, without a second of deliberation we both stepped back. It was only one step that was made, but to me it felt as if something that I had not been aware of had been checked. (KINCAID, 1990, p. 13-14)¹⁴

¹³ Certa noite, durante o jantar, não muito depois de começar a morar com eles, eles começaram a me chamar de Visitante. Eles disseram que eu parecia não fazer parte das coisas, como se eu não morasse na casa deles com eles, como se eles não fossem como uma família para mim, como se eu estivesse apenas de passagem, apenas dizendo um longo Olá!, e logo estaria dizendo um adeus rápido! (Tradução nossa)

¹⁴ Lembrei-me de um antigo poema que fui obrigada a memorizar quando tinha dez anos e era aluna da escola Rainha Victoria para Meninas. Fui obrigado a memorizá-lo, versículo após versículo, e então recitei o poema inteiro para um auditório cheio de pais, professores e meus colegas alunos. Depois que eu terminei, todos se levantaram e aplaudiram com um entusiasmo que me surpreendeu, e mais tarde eles me disseram como eu tinha pronunciado cada palavra bem, como eu coloquei a quantidade certa de ênfase especial nos lugares onde isso era necessário e como orgulhoso o poeta, agora morto há muito tempo, teria ficado ao ouvir suas palavras ressoando em minha boca. Eu estava então no auge da minha dupla face: isto é, por fora eu parecia de um jeito, por dentro eu era de outro; fora de falso, dentro de verdade. E então eu fiz pequenos ruídos agradáveis que mostravam modéstia e apreço, mas por dentro eu estava fazendo uma promessa de apagar da minha mente, linha por linha, cada palavra daquele poema. Na noite após ter recitado o poema, sonhei, continuamente parecia, que estava sendo perseguido por uma rua estreita de paralelepípedos por cachos e cachos daqueles mesmos narcisos que tinha jurado esquecer, e quando finalmente caí de exaustão eles todos empilhados em cima de mim, até que fui enterrado bem embaixo deles e nunca mais fui visto. Eu tinha me esquecido de tudo isso até que Mariah mencionou os narcisos, e agora eu contei a ela com tanta raiva que surpreendi a nós dois. Estávamos muito

No trecho citado, é visível o desconforto de Lucy, ainda na infância, com a tarefa que lhe foi designada, na qual, de acordo com as impressões do seu público, ela se saiu muito bem. Observamos que a narradora se revolta com um mecanismo muito comum à colonização: o ensino do idioma do colonizador como forma de difundir sua cultura para aqueles sob seu domínio. Neste exemplo, trata-se de um poema sobre flores a respeito das quais Lucy nunca soubera antes, flores essas que representavam um lugar só conhecido por seus colonizadores, nenhum elemento que pertença à identidade de Lucy, logo ela não se sente intimamente ligada às flores, à não ser pela fúria direcionada a elas, como a própria descreve.

Enfatizando a ideia da língua como ferramenta de imposição cultural e identitária retomamos a obra de Jamaica Kincaid, *A Small Place* (1988) em que ela nos apresenta Antigua pelo viés de nativa da ilha:

For isn't it odd that the only language I have in which to speak of this crime is the language of the criminal who committed the crime? And what can that really mean? For the language of the criminal can contain only the goodness of the criminal's deed. The language of the criminal can explain and express the deed only from the criminal's point of view. It cannot contain the horror of the deed, the injustice of the deed, the agony, the humiliation inflicted on me. (KINCAID, 1988, p.31-32)¹⁵

Mesmo com o sentimento de não pertencimento ao usar o inglês com o intuito de criticar a hegemonia desse idioma, ao empregar essa língua para tecer sua análise, uma reconstrução da identidade é feita, exatamente por reverter o objeto que antes era de opressão em matéria de luta. De modo semelhante Lucy, agora longe das pressões sofridas, pode ter sua voz ouvida por aqueles que não tinham conhecimento de sua história.

Importante observarmos a relação entre Lucy e sua empregadora Mariah: a última se mostra sempre disposta a tentar uma relação harmoniosa e de amizade com Lucy. Receptiva, ela anseia por mostrar para a nova moradora de seu país todas as coisas que julga que Lucy não conheça. Em certos momentos Mariah age como uma figura materna para Lucy, ditando comportamentos que ela deve ter, em uma tentativa de tornar Lucy adequada para a sociedade em que vive agora. Mariah, em seu lugar de privilégio, não consegue observar as diferenças que ocorrem entre ela e Lucy, algo que, para Lucy, chega a ser tão óbvio.

Um desses momentos em que Mariah quer apresentar algo novo para Lucy ocorre durante a viagem de trem da família para o campo:

próximos um do outro, mas assim que terminei de falar, sem um segundo de deliberação, nós dois recuamos. Foi apenas um passo que foi dado, mas para mim parecia que algo que eu não tinha conhecimento tinha sido verificado. (Tradução nossa)

¹⁵ Não é estranho que a única língua que tenho para falar desse crime seja a do criminoso que cometeu o crime? E o que isso realmente significa? Pois a linguagem do criminoso pode conter apenas a bondade da ação do criminoso. A linguagem do criminoso pode explicar e expressar o ato apenas do ponto de vista do criminoso. Não pode conter o horror da ação, a injustiça da ação, a agonia, a humilhação infligida a mim. (Tradução nossa)

And so I suppose I should have felt excitement at doing something I had never done before and had only seen done in a film. But almost everything I did now was something I had never done before, and so the new was no longer thrilling to me unless it reminded me of the past. We went to the dining car to eat our dinner. We sat at tables—the children by themselves. [...] The other people sitting down to eat dinner all looked like Mariah's relatives; the people waiting on them all looked like mine. The people who looked like my relatives were all older men and very dignified, as if they were just emerging from a church after Sunday service. On closer observation, they were not at all like my relatives; they only looked like them. My relatives always gave backchat. Mariah did not seem to notice what she had in common with the other diners, or what I had in common with the waiters. She acted in her usual way, which was that the world was round and we all agreed on that, when I knew that the world was flat and if I went to the edge I would fall off. (KINCAID, 1990, p 20)¹⁶

Lucy aponta que Mariah se mostrava inconsciente dos aspectos sociais tão marcados e perceptíveis que as cercavam e dividiam. Os passageiros que esperavam ser servidos todos se pareciam com Mariah e sua família, pessoas brancas e abastadas, ao passo que aqueles que iriam lhes servir se pareciam com Lucy. Mas, como ela mesma reitera, apenas se pareciam, pois Lucy afirma que seus parentes mostrariam insolência, ao contrário dos funcionários do trem.

Um traço significativo na formação identitária de Lucy é sua relação com a figura materna, durante todo o texto observamos que muitas de suas memórias estão relacionadas à sua mãe, algumas vezes ansiando a proximidade, outras refletindo sobre a educação cerceada que recebeu da mesma. Na passagem a seguir Lucy compara Mariah e a mãe, e ficam claros seus sentimentos divergentes às figuras maternas: “The times that I loved Mariah it was because she reminded me of my mother. The times that I did not love Mariah it was because she reminded me of my mother.” (KINCAID, 1990, p. 32)¹⁷

Como uma criança do sexo feminino, nascida na periferia sob circunstâncias que favoreciam a desigualdade de gênero e social, Lucy teve sua vida planejada por sua mãe, um emprego ordinário na ilha onde nasceu, casar-se, ter filhos e cuidar deles e do marido. E para isso ela precisava aprender os afazeres domésticos e a se comportar como uma mulher respeitável. Então, desde cedo, Lucy foi ensinada por sua mãe como deveria agir quando

¹⁶ E então, suponho que deveria ter ficado empolgado por fazer algo que nunca tinha feito antes e só tinha visto feito em um filme. Mas quase tudo que eu fazia agora era algo que nunca tinha feito antes, então o novo não era mais emocionante para mim, a menos que me lembrasse do passado. Fomos para o vagão-restaurante para comer nosso jantar. Sentamo-nos às mesas - as crianças sozinhas. [...] Todas as outras pessoas sentadas para jantar pareciam parentes de Mariah; as pessoas que esperavam por eles eram parecidas com as minhas. As pessoas que se pareciam com meus parentes eram todos homens mais velhos e muito dignos, como se tivessem acabado de sair de uma igreja após o culto de domingo. Observando mais de perto, eles não eram nada como meus parentes; eles apenas se pareciam com eles. Meus parentes sempre criticavam. Mariah parecia não notar o que ela tinha em comum com os outros clientes, ou o que eu tinha em comum com os garçons. Ela agiu da maneira usual, que era que o mundo era redondo e todos concordávamos nisso, quando eu sabia que o mundo era plano e se eu fosse para a borda eu cairia. (Tradução nossa)

¹⁷ As vezes que amei Mariah foi porque ela me lembrava minha mãe. As vezes que não amei Mariah foi porque ela me lembrava minha mãe. (Tradução nossa)

estivesse na rua, na presença de pessoas estranhas, a maneira certa de preparar comidas, manter a limpeza do lar e das roupas, tarefas que são consideradas obrigação feminina dentro de uma sociedade machista e patriarcal.

Nesse ponto retomamos novamente o conto *Girl* que podemos relacionar com as memórias de Lucy relembrando o convívio com a mãe, em sua terra natal:

Wash the white clothes on Monday and put them on the stone heap; wash the color clothes on Tuesday and put them on the clothesline to dry; don't walk barehead in the hot sun; cook pumpkin fritters in very hot sweet oil; soak your little cloths right after you take them off; when buying cotton to make yourself a nice blouse, be sure that it doesn't have gum on it, because that way it won't hold up well after a wash; soak salt fish overnight before you cook it; [...] on Sundays try to walk like a lady and not like the slut you are so bent on becoming; [...] this is how to spit up in the air if you feel like it, and this is how to move quick so that it doesn't fall on you; this is how to make ends meet; always squeeze bread to make sure it's fresh; but what if the baker won't let me feel the bread?; you mean to say that after all you are really going to be the kind of woman who the baker won't let near the bread? (KINCAID, 1992, p. 6-7)¹⁸

O comportamento da Menina no conto é de suma importância para determinar o seu valor e respeito que receberá no futuro, a mãe está ensinando a forma correta e respeitável de se portar, como gerir uma casa, cozinhar bem os alimentos. A figura materna tenta moldar uma identidade que pensa ser o ideal para uma mulher, seguindo os conceitos que são ligados ao sexo feminino através dos anos.

A personagem de Lucy foi instruída de forma semelhante à personagem do conto *Girl* como podemos observar em uma fala que reflete seu pensamento de que a mãe dela estaria orgulhosa da maneira como ela se porta, mesmo que esse momento não represente a concordância de Lucy com sua educação, o tom irônico de sua fala deixa claro isso “I said, “How are you?” in a small, proper voice, the voice of the girl my mother had hoped I would be: clean, virginal, beyond reproach. But I felt the opposite of that [...]” (KINCAID, 1990, p. 51)¹⁹

Lucy é uma personagem questionadora, que busca se colocar no mundo de forma individual, mas sem deixar sua história seja esquecida, pois também faz parte do processo de identificação, uma crítica ao passado para que ele não se repita, e que não seja o único caminho

¹⁸ Lave as roupas brancas na segunda-feira e coloque-as no monte de pedras; lave as roupas coloridas na terça-feira e coloque-as no varal para secar; não ande com a cabeça descoberta sob o sol quente; cozinhe os bolinhos de abóbora em óleo doce bem quente; coloque suas roupas íntimas de molho logo depois de tirá-los; ao comprar algodão para fazer uma blusa bonita, certifique-se de que não tem goma, pois assim não vai vestir bem depois da lavagem; deixe o peixe com sal na água durante a noite antes de cozinhá-lo; [...] aos domingos tente andar como uma dama e não como a vadia que você está tão decidida a ser; [...] assim cospe no ar se quiser, e assim mover rápido para que não caia em cima de você; é assim que fazer face às despesas; sempre aperte o pão para se certificar de que está fresco; mas e se o padeiro não me deixar sentir o pão ?; quer dizer que afinal você vai realmente ser o tipo de mulher que o padeiro não deixará chegar perto do pão?(Tradução nossa)

¹⁹ Eu disse “Como você está?” em voz baixa e adequada, a voz da menina que minha mãe esperava que eu fosse: limpa, virgem, irrepreensível. Mas eu sentia o contrário disso [...]. (Tradução nossa)

a ser seguido. As lembranças que Lucy amarga e se ressentida de seu passado são alavancas que a ajudam a alçar seu futuro e quem ela quer se tornar.

I said, "I am not like my mother. She and I are not alike. She should not have married my father. She should not have had children. She should not have thrown away her intelligence. She should not have paid so little attention to mine. She should have ignored someone like you. I am not like her at all." (KINCAID, 1990, p. 63)²⁰

Em um confronto com uma velha conhecida, Lucy profere as palavras acima, reiterando seu medo de ser alguém como sua mãe, e enfatizando não ser igual a ela. A figura materna para Lucy representa a não-liberdade, estar fadada a uma realidade submissa e sem perspectivas. O ressentimento de Lucy foi ainda mais acentuado quando ela percebeu que seus três irmãos teriam futuros diferentes do dela, planejados por seu pai, mas principalmente com o apoio da mãe. Poderiam ir para faculdade, estudar e conseguir empregos de prestígio dentro da sociedade, enquanto ela seria deixada de fora dos planos por ser mulher.

Com o passar do tempo a protagonista percebe que ela já não é mais a mesma menina que chegou para trabalhar na casa de Mariah e Lewis, fisicamente ela se vê igual, no entanto, internamente Lucy mudou:

But the things I could not see about myself, the things I could not put my hands on—those things had changed, and I did not yet know them well. I understood that I was inventing myself, and that I was doing this more in the way of a painter than in the way of a scientist. I could not count on precision or calculation; I could only count on intuition. I did not have anything exactly in mind, but when the picture was complete I would know. I did not have position, I did not have money at my disposal. I had memory, I had anger, I had despair. (KINCAID, 1990, p. 68)²¹

Nesse momento percebemos que se dá conta que está criando uma identidade para se si mesma, identidade esta que ela descreve como não-linear e não calculada, algo que ela ainda estava descobrindo. Aos dezenove anos a personagem molda sua identidade reunindo experiências que muitos jovens da sua idade não vivenciaram, ou sequer irão vivenciar.

I was alone in the world. It was not a small accomplishment. I thought I would die doing it. I was not happy, but that seemed too much to ask for. [...] Then I saw the book Mariah had given me. It was on the night table next to my bed. Beside it lay my fountain pen full of beautiful blue ink. I picked up both, and I opened the book. At the top of the page

²⁰ Eu disse: "Não sou como minha mãe. Ela e eu não somos iguais. Ela não deveria ter se casado com meu pai. Ela não deveria ter tido filhos. Ela não deveria ter jogado fora sua inteligência. Ela não deveria ter prestado tão pouca atenção a mim. Ela deveria ter ignorado alguém como você. Eu não sou como ela de jeito nenhum." (Tradução nossa)

²¹ Mas as coisas que eu não conseguia ver sobre mim, as coisas nas quais não conseguia colocar as mãos - essas coisas haviam mudado e eu ainda não as conhecia bem. Compreendi que estava me inventando e que estava fazendo isso mais como pintor do que como cientista. Não podia contar com precisão ou cálculo; eu só podia contar com a intuição. Eu não tinha nada exatamente em mente, mas quando o quadro estivesse completo eu saberia. Eu não tinha cargo, não tinha dinheiro à disposição. Tinha memória, tinha raiva, tinha desespero. (Tradução nossa)

I wrote my full name: Lucy Josephine Potter. At the sight of it, many thoughts rushed through me, but I could write down only this: "I wish I could love someone so much that I would die from it." And then as I looked at this sentence a great wave of shame came over me and I wept and wept so much that the tears fell on the page and caused all the words to become one great big blur. (KINCAID, 1990, p. 81-82)²²

Ao final da narrativa, Lucy nota sua nova vida, um recomeço pelo qual ela tanto ansiava, deixar seu passado totalmente para trás, uma vida só dela onde pudesse ser sua versão inventada, como ela mesma coloca. Mas, ao perceber que finalmente tem o que desejava, Lucy é tomada pelos sentimentos que guardou por muito tempo, uma enxurrada de emoções que representa sua história, todo sofrimento que a levou até aquele momento atual. A representação do futuro acontece no diário que ela recebeu como presente de Mariah, folhas em branco para serem preenchidas, e as palavras que ela escreveu e foram borradas por suas lágrimas representam suas certezas sobre o futuro e sobre quem ela é. A identidade de Lucy se mostra volátil, ela desconstrói e reconstrói a si mesma como sua própria forma de identificação.

²² Eu estava sozinha no mundo. Não foi uma conquista pequena. Eu pensei que morreria fazendo isso. Eu não estava feliz, mas parecia pedir muito. [...] Aí eu vi o livro que a Mariah tinha me dado. Estava na mesinha de cabeceira ao lado da minha cama. Ao lado dela estava minha caneta-tinteiro cheia de uma linda tinta azul. Peguei os dois e abri o livro. No topo da página, escrevi meu nome completo: Lucy Josephine Potter. Ao vê-lo, muitos pensamentos passaram por mim, mas eu poderia escrever apenas o seguinte: "Eu gostaria de poder amar alguém tanto a ponto de morrer por isso". E então, enquanto olhava para esta frase, uma grande onda de vergonha tomou conta de mim e eu chorei e chorei tanto que as lágrimas caíram na página e fizeram com que todas as palavras se tornassem um grande borrão. (Tradução nossa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propôs uma análise do processo de construção da identidade da protagonista de *Lucy* visando entender as etapas pelas quais a personagem passou até o momento final da narrativa. A obra foca na tentativa de Lucy de deixar seu passado e construir uma vida nova, abandonando as ideias de um futuro controlado e repressivo que não condiziam com seus objetivos.

Assim, para compreender o caminho que a personagem percorre é preciso conhecer seu passado, e isso foi possível por meio das discussões propostas por alguns estudiosos dos estudos pós-coloniais a fim de assimilarmos a experiência diaspórica e como é o processo de construção de identidades nesse contexto.

Ressaltamos também que a investigação a respeito da identidade de Lucy passa pelo viés dos estudos feministas, visto que a personagem é uma mulher em um contexto que favorece sua subalternização por ser negra. Nesse sentido, o feminismo interseccional nos auxilia na análise do processo de subalternização da protagonista, focando no que a difere de outras personagens femininas na obra.

A narrativa estudada abrange os diversos fatores que precisam de atenção quando analisamos a forma como uma identidade é construída principalmente se tratando de uma personagem feminina. Lucy passa pelas opressões patriarcais resultado de uma herança colonial e são exigidos dela comportamentos de acordo com o que a sociedade julga como aceitável para mulher. Essas exigências fazem com que Lucy rejeite sua terra natal e seu passado, buscando uma reconstrução de si mesma. Todavia, fatores como sua cor de pele e posição social não são deixadas de lado quando ela se apresenta em uma nova realidade, muito pelo contrário seu passado está presente nas diferenças encontradas por ela no contexto em que está inserida.

Por fim, observamos que a identidade construída por Lucy é mutável, não rígida e flexível, ela se recria abandonando as expectativas do colonizador sobre os corpos colonizados e se separando das figuras maternas que limitava seus objetivos, sua mãe biológica e Mariah. Nesse intento, Lucy alimenta seu ódio e rancor pelo passado e também pela consciência adquirida de suas relações com Mariah e o novo país em que agora reside fazendo desses sentimentos e percepções estímulos para sua reinvenção identitária.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. (2009). **The dangers of a single story** In: **TED**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg> . Acesso em outubro de 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG. 1998.

CRENSHAW, Kimberlé W. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. In: **Stanford Law Review**, 43 (6): 1241-1299, jul. 1991.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais** / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KINCAID, Jamaica. **At the Bottom of the River**. New York: Plume, 1992.

_____. **A Small Place**. London: Virago, 1988.

_____. **Lucy**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.

_____. On Seeing England for the First Time. **Transition**. n. 51 (1990), p. 3240. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2935076>. Acesso em: agosto de 2018

LOOMBA, Ania. **Colonialism/postcolonialism**. New York: Routledge, 1998.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista de Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: outubro de 2018

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Ubu Editora, 2020.